

Um brinde à Lei Seca neste Natal

As festas de final de ano devem ser mais tranquilas em 2008. Esta é a expectativa das autoridades diante da Lei Seca, uma vez que a gravidade e o grau de violência das ocorrências aumenta em função de

eventos envolvendo pessoas embriagadas. Elas são as responsáveis por 65% dos acidentes de trânsito, por exemplo. As estatísticas mostram os reflexos da lei, de janeiro a outubro deste ano em comparação com

2007, o índice de acidente caiu em 12,6%. Para garantir a paz nas ruas, a Companhia de Policiamento de Trânsito vai reforçar as campanhas de conscientização no mês de dezembro.

Pág. 08

Foto: Tatiana Gimenes



Cultural - Em entrevista antropólogo fala sobre as singularidades dos indígenas e suas terras

Relação entre índio e terra é profunda

Os problemas que atingem a população indígena em Mato Grosso do Sul são conseqüências de erros dos próprios ‘brancos’. A afirmação é do antropólogo e pesquisador Antonio Brand, que em

entrevista ao Em Foco diz que o fator que atrapalha a relação com os indígenas é ‘a nossa visão preconceituosa’ que os classifica como subdesenvolvidos por não terem visão econômica com a terra, por

exemplo. A relação deles com o solo é cultural, resalta Brand. Para o pesquisador quanto mais inserido na sociedade, mais o índio se afirma como indígena.

Pág. 03

Eternas campanhas

Para assumir um cargo eletivo é preciso passar pelo crivo dos eleitores. No pleito deste ano, 240 pessoas disputaram o cargo de vereador em Campo Grande, mas apenas 21 conquistaram a vaga. Enquanto alguns enfrentam a primeira derrota, outros já estão habituados em competir, com é o caso do funcionário público Suél Ferranti da Silva, de 50 anos (PSTU), que se candidatou por cinco vezes. Como ele, outros derrotados não têm intenção de abandonar a política.

Pág. 04

Candidatos suam camisa por vaga em serviço público

Profissionais de Educação Física estão exercendo um novo papel no mercado de trabalho, o de preparadores físicos de candidatos a concursos públicos. Este filão da profissão segue a atual onda dos brasileiros que estão apostando nos processos seletivos para o funcionalismo público em busca da estabilidade financeira. Os concurseiros além de se debruçar sobre os livros, dependendo dos cargos que estão disputando precisam suar a camisa e participar de treinos que os habilitem a passar nos exames de aptidão física. Concursos para as polícias, como Militar e Rodoviária Federal são os que exigem mais esforço físico. Dos candidatos, são as mulheres as mais interessadas em se preparar física-



Foto: Kleber Gutierrez

Elas - Mulheres treinam mais

mente, os homens geralmente acreditam que não precisam de acompanhamento profissional para os treinos.

Após as provas físicas, muitos dos atletas de ocasião não conseguem abandonar as atividades esportivas, como as corridas.

Pág 11



Foto: Priscila Mota

Detalhes da terceira idade

Na página Intantes de hoje o leitor vai encontrar fotos em preto e branco produzidas pelas acadêmicas de Jornalismo da Universidade Católica Dom

Bosco, Elaine Bechuate e Priscila Mota como trabalho de conclusão de curso. Os closes retratam a velhice.

Pág 14



Foto: imagem.vilamulher.com.br

POETA

Manoel de Barros completa 92 anos e se revela em família

Ele já viajou por diversos países, como Peru, Equador e os Estados Unidos, onde morou por um tempo. Viveu com os índios, se formou em Direito e publicou 22 livros. Considerado um dos maiores poetas brasileiros,

Manoel de Barros, de 91 anos, mora em Campo Grande com a família e mantém o hábito diário de escrever poesias. Sua obra é ligada à natureza e a sua infância vivida no Pantanal. Tímido e arredio ao assédio de fãs e da imprensa,

Manoel abriu sua casa para reportagem do Em Foco e mostrou sua rotina ao lado da companheira Stella. Na cumplicidade do lar, a esposa fala de sua admiração pelo marido: “ele é a paz da casa”.

Pág.09



Foto: Teresa Barros

Em casa - O aniversariante do dia 19 de dezembro vive rotina de paz e muita poesia

zoom

Artistas conectados com seu tempo

Foto divulgação - Douglas Colombelli

Anticonvencional, a arte contemporânea reúne ousadia, diversidade de estilos e liberdade em vários aspectos, como na dança, na música, nas artes plásticas e cênicas, nas idéias e nos valores. A quebra dos paradigmas está nas diferentes linguagens utilizadas que dizem respeito à construção particular dos artistas com suas obras, que atualmente, têm sido



Atual- Obra “ O jogo de rato” feita em madeira e resina de vidro

influenciadas também pelos avanços tecnológicos e as mudanças culturais rá-

pidas que a sociedade enfrenta.

Pág. 10

ÍNDICE	
CADERNO A	
Opinião	02
Entrevista	03
Política	04
Economia	05
Geral	06
CADERNO ZOOM	
Cultura	09
Esporte	11
Universidade	12
Futuridade	13
Instantes	14
Resenha	15
Nosso Foco	16

Editorial

Somos olhos e voz

Missão cumprida. Em 2008 o Jornal Laboratório Em Foco exerceu sua tarefa de manter o leitor de Campo Grande bem informado sobre os acontecimentos relevantes de nossa sociedade. Em dois semestres nossos acadêmicos-repórteres publicaram 431 reportagens em 17 edições do Em Foco,

número expressivo e que mostra o diferencial do Curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco, que verdadeiramente prepara os estudantes para exercer seu papel social no mercado de trabalho jornalístico brasileiro. É aqui nas páginas de papel jornal que os futuros jornalistas conhecem a prática da profissão, ainda amparados pelo apoio pedagógico dos professores. Um momento importante o de escrever para o

jornalismo laboratorial, quase único, pois neste ambiente de trabalho não existe interesse dos patrões e nem de seus amigos, a linha editorial é traçada exclusivamente pela verdade. O jornalismo da UCDB aposta na preparação prática do aluno, assim como na teórica e extrapola a cota mínima de publicações de jornais laboratório exigida pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que é de apenas quatro edições por ano. Em 2008 a periodicidade do Em Foco foi quinzenal com nove edições em formato standard, como esta que está em suas mãos e oito em forma de tablóide. Não por acaso este foi o ano em que comemoramos a edição Nº 100 do Jornal Em

Foco, iniciado em setembro de 2002. Foi o primeiro Jornal Laboratório a alcançar esta marca. Os temas abordados pelos estudantes em suas reportagens são discutidos em reuniões de pauta realizadas ainda em sala de aula. Para os comunicólogos faz-se primordial entender os critérios de noticiabilidade, isto é, o que deve virar notícia. O repertório de histórias contadas aqui foi variado, mas sempre focado na característica humana do jornalismo. Pessoas estão sempre no centro das informações e não são tratadas friamente apenas como estatísticas. As matérias não mostram apenas o lado feio, ruim de nosso povo, mostram os problemas, mas também a alegria de quem,

com criatividade e bom humor dribla as crises e encontra soluções para as agruras. Uma das séries de maior sucesso do Em Foco também teve continuidade em 2008: os especiais sobre os bairros de Campo Grande. Nossos estudantes continuam a resgatar as histórias das nossas comunidades, mais de 20, dos 74 bairros existentes na Capital já foram retratados no nosso jornal. Este ano foi a vez dos moradores dos Bairros São Francisco, Sobrinho, Bandeirantes, Universitário, Núcleo Industrial e Vila Carvalho terem voz, pedirem socorro para suas dificuldades, exibirem suas trações, além de comemorar as conquistas após décadas de

existência. Agora nossos acadêmicos-repórteres entram de férias e o nosso jornal também, só voltando no ano que vem para mais dois semestres de preparação dos estudantes e extensão dos nossos braços jornalísticos à Comunidade. Mas mesmo em casa, os estudantes de jornalismo não se desligam, pois ainda sem o diploma na mão estão contaminados pelo importante papel social que já começaram a experimentar. São servidores públicos, os olhos da sociedade nos acontecimentos, a voz desse povo que entra ano e sai ano continua na luta em busca de bem-estar, de felicidade. Obrigada leitor e até 2009!

Ética e Liberdade de Expressão

Paula Maciulevicius

Do grego “modo de ser” ou como os homens deveriam ser, daí parte a ética, bem diferente da que temos hoje quando relacionamos ao jornalismo. A liberdade por sua vez tem como significado “estado de pessoa livre, e isenta de restrição”. Que a liberdade de expressão é um direito de todo cidadão, isso todos já sabem, porém ser livre no modo de expressar pensamentos inseridos no campo do jornalismo se torna mais controverso quando aproximado da linha que divide o ético do não ético. A questão trabalhada é até que ponto o jornalista exerce a liberdade de expressão sem atropelar a

ética. Um exemplo mais que claro disto foi a charge publicada em jornais europeus, relacionando o profeta muçulmano Maomé com o terrorismo; no cenário político no qual estava inserida a publicação, como comenta Ricardo Diaz no artigo ‘Charges da discórdia: a liberdade de expressão tropeçando na ética’, os orientais tomaram a caricatura como ofensa e defenderam ataques à embaixadas europeias nos países islâmicos. Enquanto que meia Europa encarava a situação como desrespeito a “liberdade de expressão” dos jornais, conseqüentemente as publicações se repetiram a fim de defender a bandeira da liberdade. Adentra – se então no âmbito do limite, onde termina a liberdade e onde começa a ética. Bem verdade que ambas têm como obrigação caminhar juntas, para completar uma a outra. Entretanto, casos como estes têm sido muito mais frequentes do que o percebível.

Outro exemplo que vem ao encontro ao tema abordado seriam as sátiras apresentadas no programa “Casseta e Planeta”, transmitido pela Rede Globo; em que imitações semelhantes de acontecimentos do cotidiano são levadas para dentro das casas toda semana. De presidente da república a jogador de futebol, nenhuma classe ou “autoridade” é perdoadada quando alguma falha chega até a mídia. Exemplificando mais, temos a sátira do presidente Lula embriagado, logo que um jornalista estrangeiro comentou sobre os excessos de nosso presidente. Quando falamos de televisão, falamos de “instantaneidade”, assim que acontece o fato o mesmo já cai nas mãos de humoristas. Então caímos também, e na questão liberdade de expressão sem ética. Onde está ela? O que vem a acrescentar uma sátira ao presidente bêbado? A liberdade no ato de se expressar não ultrapassa os limites éticos? Ou ainda, o programa não está



Foto: www.sxc.hu

de acordo com as normas jornalísticas para se ter tais limites? A abordagem envolve ângulos diversos, porém ser livre e ético é possível analisando de quaisquer lados. Ou seja, é perfeitamente cabível ao profissional que

lida com a mídia analisar, sem contar com a audiência, que ter liberdade é ser ético sem chegar ao limite da ofensa a outras pessoas, e respeitando o interesse público. Os fatos a serem analisados têm de ser então coerentes,

seja em impresso ou televisivo o que será passado tem de privar o direito à informação, porém esta mesma deve vir com responsabilidade e com a missão de acrescentar algo ao intelecto do receptor.

A nova era do “comodismo”

Eliane dos Santos

A instantaneidade e a luta contra o tempo são características cada vez mais essenciais na vida dos profissionais de jornalismo. A busca incessante pelo “furo” em sua rotina diária sempre fez do relógio um inimigo. Com a era do jornalismo online, nascem os sites de notícias e a luta contra o tempo se torna implacável. A todo minuto notícias são postadas praticamente em tempo real do acontecimento e como os minutos são contados em uma redação talvez chegamos também a uma outra era, a do comodismo.

A Internet com seus benefícios de instantaneidade e pesquisas de fácil e

rápido acesso esta ajudando o jornalista a não sair mais das redações, salas que estão cada vez mais cheias, ao invés de vazias. É notável o famoso control C e control V entre os sites de notícias de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. A nova onda esta contagiando até mesmo jornais impressos de grande circulação. Pelo que se vê esta em extinção o faro jornalístico, aquele que move o jornalista a ir até o lugar do fato ocorrido, a buscar, apurar verdadeiramente as informações.

Mas até então são cometidas apenas algumas gafes pelo comodismo. A nova era esta chegando em seu ápice, ao analisar sites de notícias da Capital sul-matogrossense são encontrados releases praticamente intocáveis, além de matérias plagiadas, ou seja, copiadas



Foto: www.sxc.hu

sem citar a fonte real. O que é encontrado também em jornais impressos.

Os discursos nas universidades devem ser alterados, já que incansavelmente se ouve que lugar de repórter é na rua. Em conseqüência do comodismo se apresenta a falta de ética entre colegas de redações. É como se fosse uma nova tendência absurda, ao meu ver, onde vai sobrar tempo e faltar apuração.

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano VII - nº 115 – Dezembro de 2008 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Lauro Takaki Shinohara
Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-Reitor Acadêmico: Pe. Dr. Gildásio Mendes
Pró-Reitor Administrativo: Ir. Raffaele Lochi

Coordenador do curso de Jornalismo: Jacir Alfonso Zanatta

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158 e Inara Silva DRT-MS 83

Revisão: Alysson Maruyama, Cláudia Zwarg e Cristina Ramos.

Edição: Cristina Ramos, Inara Silva e Jacir Alfonso Zanatta

Repórteres: Ana Maria Assis, Bruna Lucianer, Camila Cruz, Cláudia Basso, Daniel Henrique, Ederson Almeida, Edilene Borges, Eliane dos Santos, Elaine Prado Bechuate, Evillyn Regis, Felipe Couto, Helton Verão, José Luiz Alves, Júlia de Miranda, Juliana Gonçalves, Kleber Gutierrez, Luciana Brazil, Magna Melo, Marco Antônio Yule, Naiane Mesquita, Paula Maciulevicius, Priscila Mota, Priscilla Peres, Rogério Valdez, Tatiana

Gimenes, Teresa Barros, Thiago Dal Moro, Victor Luiz e Wanessa Derzi.

Projeto Gráfico e tratamento de imagens: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Designer - Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

Em Foco on-line: www.jornalemfoco.com.br

Home Page universidade: www.ucdb.br

E-mail: emfoco@ucdb.br
emfoco.online@yahoo.com.br

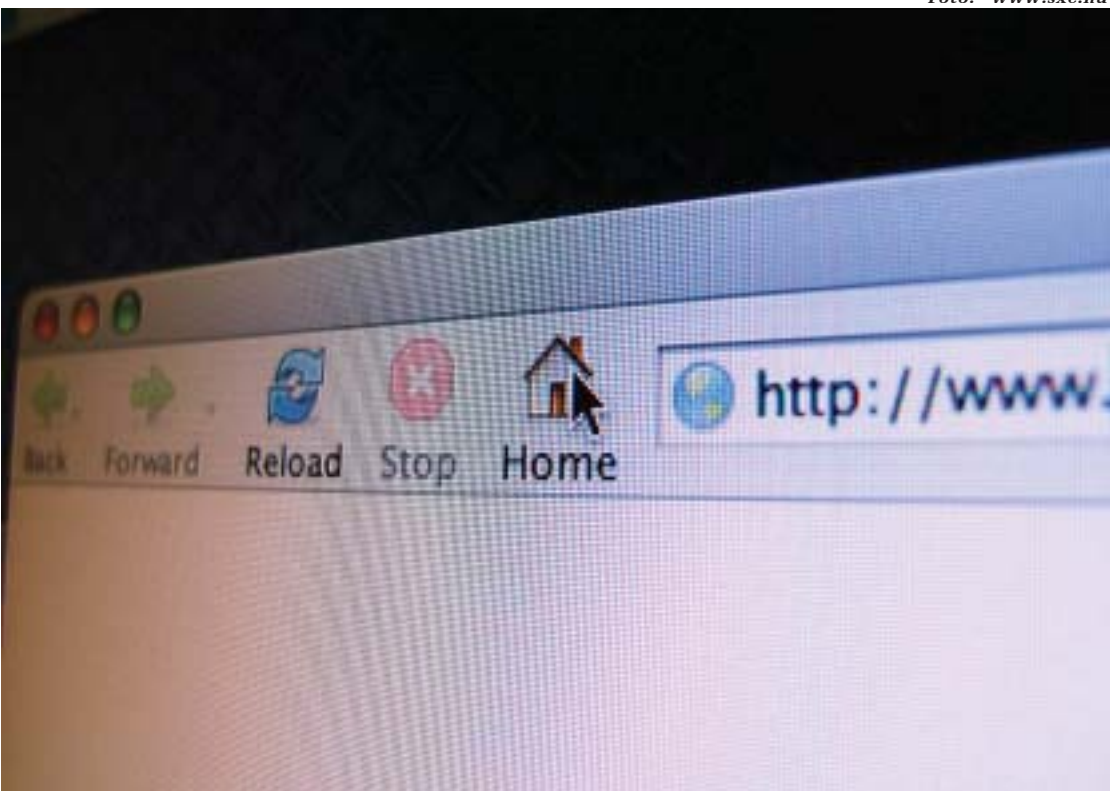


Foto: www.sxc.hu

Participar-Característica importante do Web é a interatividade do receptor da informação

Recursos na internet valorizam o jornalismo

Elaine Prado Bechuate

Com o mundo globalizado e conectado através da Internet, as notícias circulam cada vez mais rápido pela rede mundial de computadores. Em épocas anteriores quando apenas rádios, televisões e veículos impressos eram os responsáveis pela difusão da informação, existia um ritmo diferente de produção e consumo de notícias. Hoje, com a Internet, todas essas mídias se fundiram, passando a se integrar e atingir um número crescente de leitores.

Com algumas características do jornalismo online e vantagens que ele oferece, o consumidor passou a ser mais exigente em relação ao jornalismo da web, que é marcado pela agilidade de informação e também quanto ao acesso dos leitores, que normalmente estão

com pressa e necessitam até mesmo fazer rápidas pesquisas. Aí encontramos outra vantagem que pode ser considerada mais uma característica do online: o banco de dados, que não é disponível em outros meios de comunicação de massa, como o jornal impresso. As pessoas têm acesso às notícias que foram arquivadas e servem para serem reutilizadas. A interatividade deixa a desejar nos jornais impressos. Às vezes em programas audiovisuais ela está presente, mas no ciberespaço é tão freqüente que podemos citar vários exemplos, como o serviço de e-mail que permite o leitor enviar sugestões e críticas. Abertura de links que dão acesso a outros sites, complementando aquilo que o leitor está vendo, são os chamados hipertextos, que oferecem uma variação de conteúdos.

Às vezes, os sites perdem valor diante dos meios como a TV por ela disponibilizar um produto, que se pode dizer, mais elaborado, que prende ainda mais a atenção do leitor. Mas hoje, na Internet, o internauta também pode acessar esses recursos. Sons e imagens já são permitidos, um elemento inovador. São diferentes tipos de linguagem em um único veículo, o que facilita a utilização jornalística.

A personalização e a customização se encaixam nas características dos sites da Internet, pois com essas ferramentas, o leitor pode personalizar os conteúdos encontrados de acordo com as suas necessidades. Tudo isso podemos encontrar atualmente nos sites mais acessados, e a cada dia essas ferramentas agregam mais valores a esse veículo inovador.

“Para eles a terra é muito mais que produzir”



Mácula - O antropólogo Brand acredita que o desprezo com a cultura indígena é fruto do preconceito construído na história

Demarcação de terras indígenas. Assunto em destaque na mídia do Estado e do país. Porém o tema é tratado, na maioria das reportagens, a partir da ótica “branca”. As peculiaridades da cultura indígena são deixadas de lado, e o que se vê são apenas os problemas das comunidades, problemas que, segundo o antropólogo Antonio Brand, entrevistado pelo Em Foco, são conseqüências dos erros dos próprios “brancos”. Para ver a questão a partir do ângulo de quem está do mesmo lado que os indígenas, por ser especialista quando o assunto é a cultura desse povo, o Em Foco procurou o professor Brand. O antropólogo é responsável pelo programa de socialização de indígenas, Rede de Saberes.

Ana Maria Assis

EM FOCO: Quais são as etnias que prevalecem no estado de MS e quais são as principais diferenças entre elas?

BRAND: Aqui em Mato Grosso do Sul temos dois grandes pólos. Kaiuá e Guarani. Temos também, em número menor, Terena e Kadiwéu, e, os Ofaiés, Atikum e Guató. Índio é um termo genérico, pois essas etnias possuem profundas diferenças, diferenças culturais, assim como os brancos. O gaúcho é diferente do baiano, que é diferente do carioca. A cultura de cada etnia indígena também possui suas peculiaridades. A agricultura, por exemplo, é uma atividade da cultura terena, os ofaiés são índios de mata, os guató são povos de rio, vivem da pesca. A forma de lidar com a terra é uma diferença muito marcante entre os povos. No Brasil, os povos são aglutinados em grupos lingüísticos. O maior grupo é o tupi-guarani, que tem parentesco com a língua latina. Características como organização social, economia e religião também diferem as etnias.

EM FOCO: O que separa a cultura do “branco” da cultura do índio?

BRAND: O que atrapalha nossa relação com os indígenas é a nossa visão preconceituosa. Em decorrência de um processo histórico, desde a colonização. Falamos pouco da violência da disputa territorial para conquista das terras. Os colonizadores chegaram para tomar as terras dos índios, eles resistiram e foram caracterizados como bárbaros, traícoeiros, como uma forma de

justificar a guerra aos que se colocavam contra a colonização. Se alguém chegasse para nos expulsar da nossa casa, qualquer um de nós agiria assim. Aqui os índios sempre foram ignorados, nos casos em que fugiam ou resistiam, eram tratados como povo atrasado, bárbaro. E o preconceito persiste. Mas quem matou? Quem barbarizou para conquistar território? Alguns dizem que os problemas como desnutrição são problemas do índio e de sua cultura. Mas problemas como esse são apenas conseqüências da manifestação do preconceito. Existe documentação, da época da colonização, cartas em que os colonizadores estavam admirados com a quantidade de alimentos. Nós tiramos as terras, as condições sociais. O grande problema entre o branco e o índio é a nossa visão historicamente construída. Os índios são povos com outros valores, diferentes dos nossos. O êxito econômico não é o objetivo indígena. Eles buscam lazer, festas, rituais, convivência, e não entendem nossa fixação por acúmulo de riquezas. Classificamos os indígenas como subdesenvolvidos, para que eles querem terra? Se não vão plantar como nós plantamos, para exportar, para investir, para lucrar. Os Guaraní não fazem plantações imensas de soja, por exemplo, eles distribuem várias culturas na terra, colaboram então com a diversidade ambiental.

EM FOCO: Como você vê o papel da mídia na questão indígena?

BRAND: A imprensa costuma atrapalhar, ela não se preocupa com a cultura, mostra os problemas vistos ape-

nas com um olhar, o olhar do branco. Enquanto os problemas são, na verdade, conseqüência direta da ação do branco. O índio não fabrica cachaca. Os indígenas são pacíficos, os problemas de convivência vêm do confinamento em que são submetidos, o espaço reduzido e a forma de vida tão limitada. Nós temos uma imprensa mono cultural, mostram os índios como se eles fossem um problema para nós, enquanto na maioria das vezes, nós é que somos o problema para eles. Tudo isso só dificulta uma relação que poderia ser muito enriquecedora para nós. Enquanto eles podem aprender tecnologias, como muitos que já procuram a universidade, nós poderíamos aprender sobre a natureza, pensar nas diferenças como algo positivo.

EM FOCO: Percebemos o número crescente de indígenas alfabetizados. Como funcionam os programas que realizam estes trabalhos voltados para a socialização e educação dos índios?

BRAND: Hoje é um fenômeno na América. Povos indígenas buscam as universidades não para deixarem de ser índios, mas para ajudar

as suas comunidades, atuando dentro delas. Mas as universidades não estão preparadas para recebê-los. Existe o preconceito explícito por parte dos acadêmicos e até dos professores além de problemas mais complexos como a formação anterior, que é precária nas escolas indígenas, e a dificuldade de acompanhar as disciplinas por aprenderem tardiamente a língua portuguesa.

EM FOCO: O fato de os indígenas estarem cada vez mais próximos da sociedade dos “brancos”, faz com que a sua cultura seja ameaçada?

BRAND: Há anos tinham a idéia de que o isolamento é o fator que mantém a cultura indígena. Hoje pesquisas comprovam que quanto mais o índio está inserido na sociedade, mais ele se afirma como indígena. Antes a discriminação era tanta, que para não se sentirem rejeitados, não se afirmavam como índios. Eles podem incorporar nossas tecnologias, mas toda cultura é dinâmica, nos também temos isso. Não deixamos de ser o que somos, assim como eles não deixam de ser o que são.

EM FOCO: Qual o papel da natureza e da terra na vida dos índios?

BRAND: Para eles a terra é muito mais que produzir. Ela é cheia de significados religiosos e os recursos naturais são fundamentais para a saúde do índio, ele ainda tem a cultura do manejo das plantas, por exemplo. A relação entre o indígena e a terra é profunda e ampla, é como a gente com a nossa casa. O desconhecimento da cultura das etnias indígenas para resolver o problema das terras é o que faz com que outros problemas como violência, suicídios e alcoolismo venham a tona. Ampliar o território é uma medida que deve ser tomada de maneira urgente, para que acabem as manifestações de mal-estar com a organização social.

EM FOCO: O senhor acredita que existe uma tentativa disfarçada de eliminar o

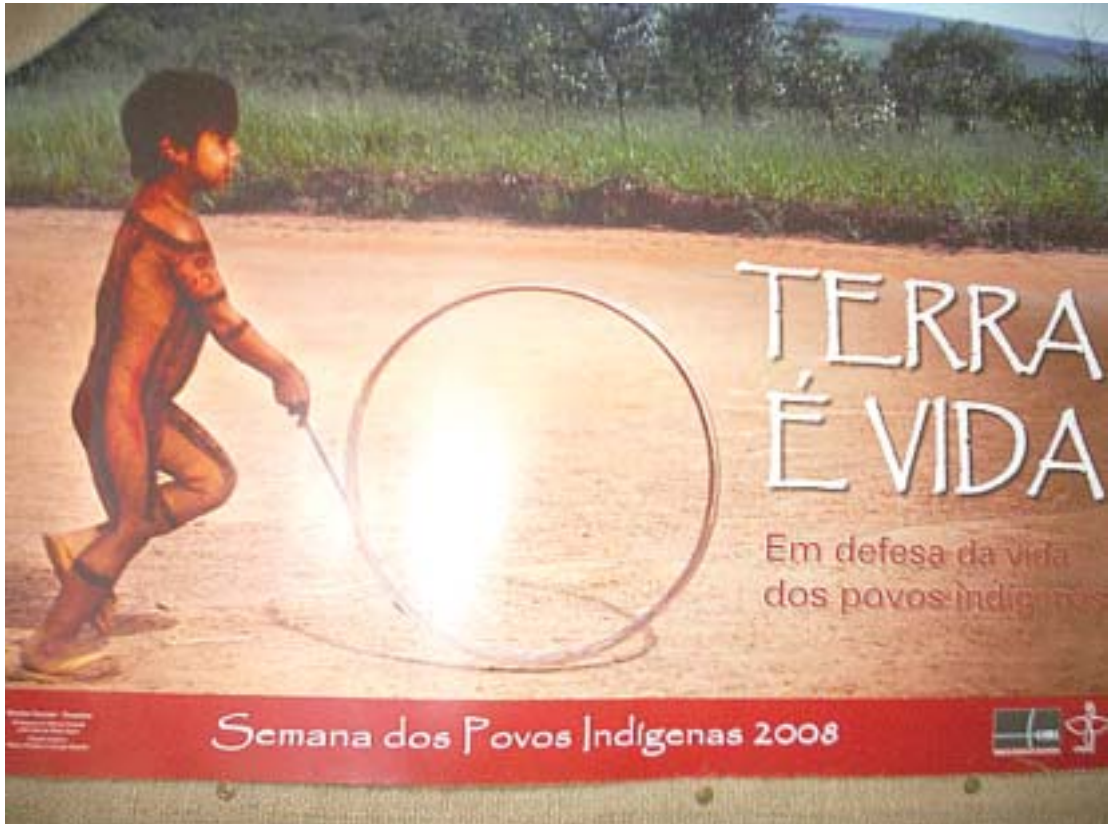
índio por parte da sociedade?

BRAND: Alguns setores, se pudessem, fariam sumir os índios. Creio que o que dificulta nessa questão é o desconhecimento. Deve-se tentar conhecer os valores do povo indígena e não os estereótipos. Não creio que haja esse interesse por parte da população. Como di-

zer que eles são um empecilho para o desenvolvimento enquanto são valiosa mão de obra? O desprezo com a cultura indígena é fruto dos preconceitos construídos na imposição do nosso modo de vida ao longo da história.



Inserção - Quanto mais inseridos, mais autoafirmativos



E depois das eleições?



Persistentes

Candidatos que não se elegeram nas últimas eleições começam a preparar as próximas campanhas políticas

Eles não desistem nunca

Edilene Borges

São muitos os motivos que levam uma pessoa a se candidatar a cargos eleitorais. Uma grande parcela da população acredita que os que se sujeitam a tal serviço querem apenas ganhar um bom salário e ter mordomias, no entanto, os candidatos afirmam apenas lutarem pelo direito coletivo e o bem de todos.

No Brasil as eleições acontecem de quatro em quatro anos, onde são disputados vários cargos importantes para a administração política do país.

Este ano foram elei-

tos prefeitos e vereadores. Entre os candidatos estavam mais de 240 pessoas que disputavam o cargo de vereador, mas apenas vinte e um foram eleitos. Já na disputa pela prefeitura eram cinco candida-

tos. Suél Ferranti da Silva, de 50 anos, funcionário público, já se candidatou cinco vezes, sendo que na última eleição disputou o cargo de prefeito pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU). Não ganhou, mas acredita que está no caminho certo, lutando pelos direitos da sociedade.

“Eu acredito no meu projeto, no meu sonho e nas melhorias da sociedade e por que não do mundo. Nós temos que cobrar uma efetiva mudança dos nossos dirigentes atuais. Deve-se acabar com

a concentração de renda e fazer uma maior distribuição”, afirma Ferranti. Sobre uma nova candidatura Suél deixa claro que os projetos que apresentou na campanha não são pessoais e sim coletivos e uma nova candidatura vai depender de uma discussão de todo os membros do partido.

Durante a campanha política são feitas reuniões em bairros da Capital, apresentados os projetos, o plano que será desenvolvido durante o mandato e outros assuntos relevantes. É um trabalho árduo e muitos dos candidatos entram na disputa com “unhas e dentes”. No final é a população que escolhe quem foi o melhor, quem está apto a exercer o cargo tão importante. Cerca de 220 candidatos são eliminados, mas

a batalha não termina por aí, o sonho fica para a próxima eleição.

Lucimar Figueiredo Roza de 40 anos, empresária, foi candidata a vereadora este ano e afirma que foi apenas o começo de sua carreira política que segundo ela promete muitas mudanças. “A minha família não tem histórico político, sou uma cidadã comum, mas o que me fez despertar o interesse político foi realmente a consciência de trabalhar em prol da população”.

Lucimar é ainda caloura na política, mas há muito tempo já vem desenvolvendo projetos para a capacitação de pessoas nos bairros da cidade. “Tem muito que ser feito, é fácil de resolver, basta ter vontade de trabalhar. É com essa consciência que eu entrei pela primeira vez na po-

lítica como sindicalista. Não é a política em si que é ruim, e sim os políticos que são escolhidos. O despertar da consciência política vem com a necessidade de ver realmente aquela causa ser resolvida e o amor pelo próximo”. Lucimar afirma que não conseguiu desta vez, mas já está se preparando para a disputa de 2010.

Edson Shimabukuro, de 56 anos, engenheiro civil e conhecido como My Boody também foi candidato a vereador pela segunda vez. Na primeira obteve poucos votos, já durante a eleição de 2008 chegou muito próximo da candidatura. Descendente de japoneses, Edson tem muita influência dentro da colônia japonesa.

“Temos consciência de que a cidadania cresceu muito, e

os políticos têm que ter a consciência de trabalhar para a população. Na verdade quando resolvi entrar na disputa fui muito bem preparado. Tinha certeza de que ia me candidatar. A minha participação social sempre foi ativa. Temos vários projetos nos bairros”. Edson comenta que sempre teve o pensamento de que a sociedade depende da política e dentro da colônia este pensamento político é antigo.

As eleições terminaram, mas segundo os candidatos a vontade de construir uma sociedade melhor ficou. Agora é época de começar novamente todo o trabalho de conscientização da população e convencê-la de que estão preparados para quem sabe daqui a quatro anos ocuparem uma das cadeiras na câmara.

Lei obriga parquímetro gratuito para PNE

Juliana Gonçalves

Em supermercados, shoppings, bancos e clínicas médicas é comum encontrar vagas para veículos de Portadores de Necessidades Especiais (PNE). Mas quando a vaga é paga, como no caso dos parquímetros, no centro da cidade, a dificuldade aumenta, além de não ter nenhuma facilidade para PNE, as vagas são estreitas, e não têm áreas demarcadas.

Acaba de ser aprovado o projeto de Lei da vereadora em Campo Grande Grazielle Machado (PR), que prevê o fim da cobrança do parquímetro para os PNEs. A legislação já havia sido aprovada em junho deste ano na Câmara de Campo Grande, mas foi vetada pelo prefeito, Nelson Trad Filho, com a justificativa de que o serviço de estacionamento é remunerado porque precisa cobrir custos operacionais realizados pela administração com a sua manutenção.

No dia 5 de novembro a Câmara Municipal derrubou em votação o veto total do prefeito Nelsinho Trad, e a prefeitura teve 48 horas para promulgar a lei e 30 dias para regulamentar o serviço. O argumento da vereadora foi o de garantia da acessi-



Foto: Juliana Gonçalves

Dificuldade - Atualmente empresa não disponibiliza vagas para portadores de necessidades especiais

bilidade e de incentivo de aquisição de veículos adaptados pelos PNEs.

Segundo a presidente do Centro Arco-Íris de Reabilitação Alternativa (Caira), Yara Yule, ninguém deveria pagar pelo parquímetro e este projeto de Lei é um avanço para os portadores de necessidades especiais. A preocupação agora é saber como os carros vão ser identificados e ir atrás das vagas demarcadas para eles estacionarem. “São muito poucos os deficientes que têm carro, a maioria anda de ônibus, que já deveria estar totalmen-

te equipado para as necessidades especiais. A empresa do parquímetro não vai nem sentir falta, pela isenção dos PNE, eles podem até ir ao Detran verificar como são poucos que têm carro”, disse.

Para a advogada e PNE, Marisa Siqueira, de 50 anos, a dificuldade em estacionar no centro da cidade está cada vez maior, e o serviço não deveria ser cobrado para quem têm necessidade especial e não têm nem vagas demarcadas. “Antigamente ainda existia uma vaga para PNE na frente da Riachuelo e a outra em frente

ao Banco do Brasil e eles tiraram, é um descaso, e ainda continuam cobrando”, afirma.

O servidor público Maurício de Souza, de 32 anos, é totalmente contrário ao projeto que prevê a isenção do parquímetro aos PNE. “Já acho errado cobrarem pra nós, que pagamos nossos impostos, estacionarmos na rua, onde já se viu. Agora qualquer um que tiver necessidade de não pagar, ou todo mundo paga ou não cobram, é vaga na rua, vai ser um carro estacionado que não paga, onde eu poderia parar”, ressaltou indignado.

O nosso jornal entrou na onda do rádio.



Jornal Em Foco agora na FM UCDB.

Rádio FM UCDB 91,5
Horário: 15:50 às 16:20

rádio EmFOCO



Ouç a Rádio Em Foco a qualquer hora também pela internet.

www.radioemfoco.mypodcast.com

Cidadãos reservam parte do 13º salário para doações a entidades e pessoas que necessitam de ajuda

Solidários aquecem economia

Rogério Valdez

Tradicionalmente, com a aproximação das festas de final de ano, as pessoas começam a ficar mais caridosas e a ocorrência de campanhas solidárias para ajudar entidades carentes ou gente em situação de necessidade aumenta. Desta forma a ajuda vem a calhar para muitas instituições que sobrevivem de donativos, recebidos durante o ano todo, porém nesta época ela vem com muito mais força, impulsionada pelo espírito natalino. “Realmente as doações aumentam muito mais nesta época de final de ano. Para se ter uma idéia, até agora a casa já teve acréscimo de 45% do total de arrecadação obtido durante os outros meses do ano; isso só até novembro, porque dezembro deve aumentar ainda mais”, declara Maria Cristina Sconhertzki Jardim, tesoureira voluntária da Associação dos Amigos das Crianças com Câncer (AACC) da Capital. Hoje a entidade atende cerca de 350 crianças do Estado que estão em fase de tratamento. Maria Cristina explica que o órgão sobrevive basicamente de doações feitas principalmente por pessoas comuns. “Algumas empresas são nossas parceiras, mas a maior parte das doações é de pessoas comuns que decidem nos ajudar”, comenta.

O órgão recebe doações em dinheiro que são destinadas para o pagamento de despesas, alimentos que servem para compor a cesta básica que as famílias das crianças assistenciadas recebem, além de roupas, calçados e brinquedos que vão para o bazar da associação, mais uma fonte de renda para a entidade. “O bazar também aumenta muito as vendas nos finais de ano, o que ajuda muito a cobrir as despesas da casa”, observa.



Foto: lh4.ggpht.com

Apoio - Alimentos, que são a principal necessidade de entidades filantrópicas, poderão ser adquiridos com dinheiro arrecadado pela Associação Comercial de CG

Do ponto de vista de quem doa, o final do ano é uma oportunidade para ajudar, o décimo terceiro salário é comestível para estas iniciativas solidárias. A dona de casa, Rosa Beatriz afirma que durante todo o ano contribui com donativos para as instituições que entram em contato pedindo auxílio, mas é nesta época que o dinheiro já vem programado do décimo terceiro. “A contribuição dada durante o ano não vem agendada no salário, diferente da época de Natal e Ano Novo que ela já é programada no dinheiro extra recebido no final do mês”, comenta.

Outra ação solidária da qual a dona de casa faz parte é a arrecadação de alimentos que são doados para famílias que estão passando por dificuldades financeiras ou de saúde no período natalino. “A arrecadação é feita todos os anos ao final da novena de natal que realizamos em algumas casas do bairro. Formamos um grupo de oração que visita as famílias e para finalizar a novena arrecadamos donativos para doação”, explica.

Comércio

O comércio da Capital também entra no espírito de

Natal e promove ações de responsabilidade social. Desta maneira, a Associação Comercial e Industrial de Campo Grande (ACICG) e Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) realizam uma campanha conjunta entre os lojistas da cidade com o objetivo de ajudar entidades de assistência que atuam por aqui. A iniciativa é uma promoção de oferta de prêmios para os consumidores, e para participar da campanha promocional o lojista deve aderir à idéia, para isso ele irá pagar uma taxa de adesão que será totalmente revertida para instituições de

apoio social.

O presidente da ACICG, empresário Luiz Fernando Buainain ressalta que esta integração dos comerciantes em prol da ajuda ao próximo é bastante positiva e esperam um bom resultado junto aos consumidores da cidade. “Todos estão com uma expectativa positiva muito grande, apostando na boa aceitação da campanha”, declarou.

Além de ser uma iniciativa solidária, a idéia também foi lançada como forma de driblar a crise econômica mundial que pode refletir no lucro do comércio local. “A

crise financeira mundial pode inibir um pouco o acesso ao consumo e quebrar a confiança dos consumidores interessados em ir às compras no período do Natal, por isso precisamos criar um ambiente favorável para que os lojistas tenham sucesso nas vendas e os consumidores tenham bons motivos para adquirir produtos e serviços”, ressaltou o presidente da associação.

Informalidade deve ser saída para brasileiros se livrarem do desemprego após crise global

Cláudia Basso

A crise financeira nos Estados Unidos já atinge muitos trabalhadores brasileiros neste final de ano. Apesar de não ser um problema aparentemente refletido no Brasil, muitos assalariados estão preocupados com o futuro próximo, onde poderão perder seu benefício de financiamento de crédito e consequentemente seu poder de compra. Em 2008 os trabalhadores devem usar o décimo terceiro salário para tentarem se proteger das consequências da crise econômica.

Vem se desenrolando desde 2004 o problema que assola hoje os E.U.A o que está gerando muita dor de cabeça para os demais países do mundo. “A crise já estava prevista, era só uma questão de tempo”, comenta o professor e economista Emerson Alan . A crise que começou com o mercado hipotecário, depois passou para o setor imobiliário e que atinge agora todo o sistema de crédito gerou o que pode ser chamado de “retração de crédito” dando início ao caos no setor financeiro. “Com os preços dos imóveis caindo e os juros encarecendo os créditos os compradores passaram a se afastar, a oferta começou então a superar a demanda”, explicou o economista.

No Brasil e em muitos outros países emergentes o que acontece no momento é uma diminuição brusca na procura de produtos que necessitam pagamentos em longo prazo,



Foto: Cláudia Basso

Trabalho - Emprego com carteira assinada deve ter queda após crise econômica que afeta o mundo

como no caso do setor automobilístico, onde, os bancos, tementes à crise, passaram a não liberar facilmente créditos para pessoas físicas. “Com a baixa venda as indústrias fabricam menos, menos trabalho gera uma necessidade menor de trabalhadores e consequentemente aumenta o desemprego nos países subdesenvolvidos”, explica Emerson.

Os trabalhadores já estão percebendo o problema e estão tomando algumas medidas para não serem prejudicados. “Vou pegar meu décimo terceiro salário para terminar de construir minha casa, prefiro investir esse dinheiro a fazer novas contas, como fazia antigamente”, conta o vigilante Carlos A Costa.

“Esse é o reflexo maior da

crise, o décimo terceiro salário que era usado anteriormente para impulsionar a economia com a chegada das festas de fim de ano será usado agora para pagar contas, o trabalhador não quer se endividar com medo dos altos juros e de se tornarem inadimplentes. O consumo cai, a economia cai também”, conclui Emerson Alan sobre os reflexos do problema econômico que se deu início nos Estados Unidos.

É abstendo-se desse direito de conseguir financiamentos parcelados a longo prazo para satisfazer o consumo próprio que Halisson Cê resolveu prosseguir no sonho de conseguir um carro próprio sem a necessidade de procurar a linha de créditos de um banco. “Pedi empréstimo ao meu

próprio pai para conseguir o dinheiro que ainda me faltava, assim, pago o vendedor à vista e vou devolvendo ao meu pai de acordo com o que for possível em cada mês. Ele não cobra juros”, comenta o estudante Halisson satisfeito com sua decisão.

Contornar esta crise financeira será uma tarefa difícil, o governo terá que tomar medidas provisórias urgentes, mas cabe a cada pessoa avaliar até onde poderá ser respingado pelo problema e ter muita cautela quando o assunto for consumo. Colocar todas as dívidas no papel, fazer um orçamento prévio e distribuir o dinheiro por ordem de prioridade são algumas dicas valiosas para entrar com o pé direito no próximo ano.

ANÁLISE

Crise econômica respinga aqui

Thiago Dal Moro

Essas últimas semanas foram marcadas pela instabilidade do dólar, o que acaba interferindo de algum modo na economia e no bolso das pessoas. Muitos se queixam da desvalorização do seu dinheiro e outros reclamam da alta nos preços dos produtos.

Segundo o empresário imobiliário Tulio Gimelli, a alta do dólar reflete a globalização da economia. “Há a dependência de um país em relação ao outro”, afirma Gimelli. Outro fator apontado como responsável por essa situação, segundo o empresário, é o grande número de pessoas que vivem do mercado financeiro e que visam lucro acima de tudo, trabalham em cima da quebra de investidores menores causando uma menor oferta de dinheiro no mercado, o que resulta em recessão.

Já Helder Franco, que trabalha na economia rural, diz que as pessoas ficam preocupadas quando o preço dos produtos agropecuários caem, como o do boi gordo. “Os produtores estão segurando produtos como grãos, café, milho, entre outros, deixam todos estocados, o que faz aumentar a procura e mais cedo ou mais tarde vamos sentir o aumento dos produtos no

bolso, ao que tudo indica vamos passar por um período de turbulência”, acredita o ruralista.

Edson Júnior Beiro é proprietário de uma empresa de vendas de antenas parabólicas e, segundo ele, a recente crise do dólar dificultou muito os negócios no mercado. “Eu necessito comprar produtos importados para a manutenção das antenas, com essa alta do dólar estou pagando um média de 30% a mais do que pagava antes da crise, consequentemente preciso fazer um reajuste nos preços dos produtos, o que acaba interferindo na venda para os clientes”, diz Beiro.

Quem trabalha no comércio de veículos também está reclamando muito da recente crise. “Com a quebra de alguns bancos internacionais, a oferta de dinheiro aqui no Brasil ficou menor, com isso os bancos estão dificultando os financiamentos e automaticamente diminuem as vendas no varejo”, afirma João Carlos Dal Moro, proprietário de uma garagem de veículos em Campo Grande.

O melhor a fazer no momento é analisar o mercado e não fazer grandes investimentos até essa crise financeira passar, como os bancos estão limitando os financiamentos, fica difícil para todos trabalharem.

A idéia do Governo Federal de distribuir preservativos nas escolas criou controvérsia entre vereadores de CG

Polêmica máquina de camisinha

Tatiana Gimenes

A distribuição de camisinhas nas escolas públicas tem sido tema de relevante discussão. Intitulado como “Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas”, o projeto que objetiva essa distribuição foi desenvolvido em 2003, pelos ministros da Saúde e da Educação com o apoio da Organização das Nações Unidas (ONU), mas ainda não chegou a Mato Grosso do Sul.

Iniciativa do Governo Federal, a distribuição consiste na instalação de máquinas semelhantes às de refrigerante, onde os alunos digitam senha e retiram o preservativo.

Muito se diz que a verdadeira causa das doenças e da gravidez se dá por conta da falta de informação. O que se sabe é que a questão é polêmica e divide opiniões. O vereador Edmar Neto, de 22 anos, estudante de Direito, diz ser favorável à distribuição dentro do contexto da educação e do aprendizado, independente da questão religiosa. Para Neto, a educação sexual tem de ser estudada como um “material transversal que possa ser abordada com as outras disciplinas”.

Sobre a distribuição nas escolas, o vereador lembra que o local é um

espaço público onde circulam muitos jovens. Ele defende ainda que esses jovens precisam ter o conhecimento e a oportunidade, com isso haverá uma sociedade mais saudável, onde veremos a diminuição do aborto e das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs). “Com segurança vai ser ainda melhor”, finalizou.

Já o vereador Athayde Nery, de 44 anos, advogado e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Campo Grande, que também é favorável, ressalta a utilização do preservativo como “única forma de evitar a gravidez e as DSTs”. Para ele, faz-se necessário desmistificar a questão do sexo, com a conscientização desses jovens. Com isso “o índice vai cair muito”, relatou.

Nery acredita em um projeto de diminuição de risco que atenda os grupos marginalizados, onde eles acabam tornando-se agentes de informação para as outras pessoas.

Para o vereador Pastor Sérgio Fontellas, de 37 anos, radialista, “todo método anticonceptivo é muito importante”. Ele acredita primeiramente na conscientização para que haja maior valorização à vida, vista a perceptível falta de valorização do ser humano, e diz que a conscientização “antes da distribuição vai facilitar muito mais”.

Pastor Sérgio diz ser particularmente contra a distribuição e a favor do trabalho de conscientização. “A escola



Facilidade - Os estudantes só precisarão digitar senha e a máquina fornecerá camisinhas gratuitas

é um local excelente para se fazer o trabalho de conscientização”, completou. Ele fala que a distribuição “sem dúvida é um incentivo ao sexo, propício para o aluno matar aula”.

Segundo o vereador Paulo Siufi, de 44 anos, médico pediatra, o projeto de distribuição é uma indicação do Ministério da Saúde e ao mesmo tempo um estímulo para os jovens. Contra todo tipo de estímulo, ele acredita que o fornecimento acarreta aumento na incidência de sexo entre os jovens.

“Por mais que o jovem tenha a consciência, ainda acredito que o número aumente”, explicou o vereador, destacan-

do que a distribuição resultaria em um efeito contrário, porque muitas vezes os jovens têm uma relação imatura e despreparada. “Não é como trocar de camisa, trocar de chinelo, vai além disso. São coisas diferenciadas, não é um ato simples, tem que ser preparado”, ressaltou o vereador, afirmando que um projeto de liberação é diferente de um projeto de educação sexual aos jovens.

Favorável ao sexo seguro e ao uso de preservativo, o vereador acredita que a formação dos jovens passa pela orientação, que vem de dentro de casa, e pela conscientização, vista como um dever dos órgãos públicos, da mídia e até

mesmo das universidades. “A escola tem papel preponderante na educação sexual dos jovens”. Para Siufi, a erotização do sexo que estamos vivenciando atrapalha os valores morais e familiares. “É uma forma de prostituição do corpo”, relatou. Conforme Siufi, cada um tem “direito de evitar a concepção, e não de tirar o direito de nascer”, finalizou.

Religião

Para Pe. Paulo Sérgio Vital da Cruz, de 41 anos, administrador de empresas, a distribuição “é um incentivo à promiscuidade, um investimento com o dinheiro público, que deveria ser investido em

ações a favor da vida, da educação”.

Conforme o padre, contrário a essa distribuição, o que se percebe é que estão tentando resolver o problema pelo final, ou seja, pelas consequências que ele pode causar, e não pela raiz. “Falta informação, educação, condições de vida. Investir em professores capacitados para dar a educação sexual”, completou. Para ele a distribuição é também um incentivo à irresponsabilidade para o sexo. “Faltam propagandas a favor de uma educação sexual sadia”, argumentou Pe. Paulo. Ele diz que a distribuição, que já é feita nos postos de saúde, vai atender ainda mais as classes baixas, onde encontramos um crescente número de famílias desestruturadas. “É um incentivo ao desrespeito ao ser humano. A religião prima pela vida e por tudo aquilo que promove a vida, pela responsabilidade e por questões que passam pela ética e moral de cada um”, complementou Pe. Paulo.

Despreparados

Segundo estudo feito pelo Departamento de Saúde de Londres, as adolescentes que iniciam suas relações sexuais antes dos 16 anos têm três vezes mais possibilidade de ficarem grávidas do que as que esperam mais tempo. Por esse mesmo motivo, o estudo defende que a atividade sexual está muito distante de ser apropriada para adolescentes, assunto que abre discussão para outros debates.

Construção próspera na Capital contrasta com crise econômica

Marco Antônio Yule

Apesar da atual crise financeira desencadeada pelo estouro da bolha imobiliária nos Estados Unidos, no Brasil, particularmente em Campo Grande, o setor de construção civil está mais em alta do que nunca nos últimos meses. A Capital vive um momento de prosperidade neste aspecto, tendo em vista os vários canteiros de obra espalhados pela cidade.

A prefeitura, alimentada pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), vem injetando notável investimento em infraestrutura, realizando obras de reforma de ruas, praças, escoamento, córregos, construção de casas popu-

lares e anéis rodoviários. Agora, o que realmente desperta atenção é o crescimento no setor imobiliário da cidade. Casas, edifícios, galerias, centros comerciais, reformas. Obras e mais obras por toda a cidade. Quem está construindo? Quem está com esse dinheiro todo? Quem está trabalhando nesta área?

O empresário e dono de Factoring Bruno Ramirez conta que antes de começar a fomentar o mercado, fez muito o que anda sendo chamado de especulação imobiliária. “Você compra um terreno por R\$ 15 mil, gasta mais R\$ 15 mil para erguer uma casa nos moldes populares e vende por R\$ 60, 65 mil. Tendo o dinheiro disponível e uma equipe de confiança, você começa a construir e não pára mais. Eu não atuo mais nisso simplesmente porque me cansei de lidar com a mão de obra”, diz.

Na ponta desse ramo encontra-se o construtor, que

pode ser engenheiro, mestre de obra autônomo, arquiteto, basicamente qualquer um, com certo conhecimento dos trâmites da construção civil. Sebastião José Carvalho, autônomo há 13 anos, hoje está com uma agenda de três meses de atraso devido ao número de obras que ainda tem por terminar. “O momento está muito bom. Há seis meses que pego uma obra atrás da outra”, conta o contente empreiteiro.

Porém a conta está começando a ser paga e problemas estão surgindo. Materiais de construção bruta como tijolo, concreto e madeira também estão com lista de espera longa, devido à demanda. O comerciante Marcel Bueno, dono de loja de material para construção conta que os pedidos para tijolos, por exemplo, estão chegando a demorar até mesmo de três semanas a cerca de um mês. “O tijolo é o que está saindo mais no momento”, explica Marcel.

Foto: Marco Antonio Yule



Demanda - Entregas de material de construção, como tijolos, estão demorando até um mês

PELE



Cuidados - Cores fortes são a tendência para o verão, mas é preciso retirar o make up

Não retirar a maquiagem causa problemas dermatológicos

Wanessa Derzi

Na hora de se maquiar é a maior empolgação. Adrenalina para sair, se sentir bonita e o que importa no momento é abusar da maquiagem para arrasar na noite. Mas o que muitas mulheres esquecem é que ao voltar da festa fazer o processo de retirar a maquiagem é importante para manter a saúde da pele.

“Quando chego em casa depois da balada a preguiça de limpar a pele é muita, confesso que muitas vezes eu não faço isso”, admite a estudante Thaís Pereira.

Para a esteticista Claudia dos Santos, os jovens não imaginam os males que uma pele mal cuidada pode causar. “A base e o pó compacto

usados na maquiagem se não retirados vão entupindo os poros da pele, isso pode ocasionar os temidos cravos e espinhas, portanto limpar é a melhor solução”, explica a esteticista.

A preocupação em ficar bonita deve surgir do começo ao fim, não adianta ficar linda com a maquiagem e depois não fazer a limpeza com um removedor correto.

“A limpeza é o mais importante, se não souber tratar bem a pele, com o tempo não haverá maquiagem que salve”, alerta a esteticista Claudia dos Santos.

E durante a escolha de qual o melhor produto para remover a maquiagem, é interessante saber: “O melhor é dar preferência para os cremes ao invés de óleos, pois esses tornam a pele oleosa sem necessidade, o que deve se prestar atenção e evitar também é produtos a base de álcool, pois esses ressecam a pele”, diz a este-

ticista.

Tendências

Saber usar do valioso artifício de se maquiar, ficar linda e abusar das tendências das maquiagens, é a melhor saída. Nesse verão não será só o colorido das roupas que vão estar em alta, mas também na maquiagem, o que não vale é abusar, e correr o risco de passar ridículo. “As cores do verão estão bem fortes, coloridas, tanto nas roupas quanto na maquiagem, mas deve saber dosar não dá para colorir o rosto e usar roupas coloridas também, quando for abusar na maquiagem prefira roupas de tons mais neutros”, explica o maquiador Sérgio Rony.

Na opinião do maquiador, sombra colorida e brincadeiras nas cores da maquiagem são opções das mulheres de personalidade forte, e por enquanto poucas pessoas aderiram à idéia.

Campo Grande está entre os 10% de municípios mais violentos do Brasil segundo Ministério da Justiça

Violência rouba tranquilidade

Victor Luiz

Foi-se o tempo em que Mato Grosso do Sul era visto como um Estado tranquilo, pacífico, com ares interioranos. A realidade hoje é bem diferente e se reflete em Campo Grande. Se a Capital ainda não registra índices de violência similares aos dos grandes centros, os que já se apresentam assustam e são maiores do que aparentam, visto que acabam sendo maquiados pela ausência de um levantamento confiável das ocorrências. A sensação de abandono por parte do poder público faz com que a população fique acuada ou, pior, acostumada à violência.

Levantamento feito a partir da observação das editorias de polícia dos sites de notícias da capital, Campo Grande News e Midiamaxnews, entre os dias 1º e 24 de setembro oferece uma idéia do grau de violência a que o campo-grandense está exposto. Neste período os sites noticiaram três assaltos a bancos, 60 assaltos à mão armada (20 deles assaltos a ônibus), cinco furtos, quatro agressões, quatro tentativas de homicídio e sete homicídios em Campo Grande. Em todo o Estado foram contabilizados 44 homicídios no período.

Com cerca de 750 mil habitantes Campo Grande aparece em 515º lugar no “Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros 2008”, segundo levantamento feito pela Rede de Informação Tecnológica Latino Americana (RITLA), Instituto Sangari, Ministério da Saúde e Ministério da Justiça. A Capital do Estado - lado a lado com outros 18 municípios sul-mato-grossenses - figura em uma fatia que representa os 10% de municípios mais violentos do País, em uma relação entre o número de homicídios registrados e a população do município. Segundo a pesquisa, Campo Grande registrou 1.130 homicídios entre 2002 e 2006.

O município mais violento do país é sul-mato-grossense. Trata-se de Coronel



Foto: www.sxc.hu

Perigo - Levantamento realizado em sites de notícias da Capital aponta que nos primeiros 24 dias de setembro ocorreram 60 assaltos à mão armada em Campo Grande

Sapucaia, com 74 homicídios em cinco anos. Localizado a 383 quilômetros de Campo Grande, na fronteira com a cidade paraguaia de Capitán Bado, o município apresenta a média de 107,2 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Nada menos do que 73,3% do total de homicídios ocorridos no Brasil foram cometidos nos 556 municípios mais violentos entre os 5.564 municípios brasileiros. Todos os Estados possuem pelo menos um município fazendo parte destes 10%.

Além de Coronel Sapucaia e Campo Grande, os outros 18 municípios do Estado que figuram entre os 556 mais violentos do país são Aral Moreira (39ª colocação) com 25 homicídios; Japorã (55ª colocação) com 15 homicídios, Ponta Porã (156ª colocação) com 194 homicídios, Corumbá (211ª colocação) com 193 homicídios,

Dourados (214ª colocação) com 385 homicídios, Água Clara (222ª colocação) com 28 homicídios, Porto Murtinho (225ª colocação) com 37 homicídios, Ribas do Rio Pardo (227ª colocação) com 46 homicídios, Iguatemi (239ª colocação) com 24 homicídios, Paranhos (244ª colocação) com 29 homicídios, Inocência (256ª colocação) com 13 homicídios, Amanbai (258ª colocação) com 71 homicídios, Rio Brilhante (274ª colocação) com 54 homicídios, Sete Quedas (307ª colocação) com 22 homicídios, Três Lagoas (364ª colocação) com 136 homicídios, Bela Vista (394ª colocação) com 31 homicídios, Eldorado (432ª colocação) com 14 homicídios e Camapuã (515ª colocação) com 19 homicídios.

Para Regina Eva, de 65 anos, moradora do bairro Jóquei Clube, a ausência de um policiamento ostensivo na re-

gião faz com que as pessoas se transformem em reféns dentro de suas próprias casas. “Depois que escurece nós não saímos de casa, pois é perigoso. É muito raro passar carro da polícia aqui na rua e sempre têm malandros vagando. Prefiro ficar em casa, assim como a maioria dos meus vizinhos que tem mais idade”, afirma.

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional de Mato Grosso do Sul (OAB/MS), Fábio Trad, considera que o país vive uma “guerra civil não declarada” e “triste” o fato de que Coronel Sapucaia seja considerado o campeão de assassinatos no país. Ele defende a presença do Exército na fronteira e a participação das forças policiais brasileiras e paraguaias para enfrentar o problema.

Trad cita dados do livro “Insegurança Pública”, de José Vicente da Silva Filho. “Qual-

quer localidade que registre três homicídios ao ano por 10 mil habitantes estará entrando em fase grave de violência; acima de cinco já está em situação gravíssima (SP, RJ e arredores do DF). Acima de sete, está em fase crítica de perda de controle. O que dizer de Coronel Sapucaia que tem 13 homicídios para cada 10 mil habitantes? Passou do último estágio de alerta. São índices do oeste americano do século 19”.

O número de prisões efetuadas pela Polícia Civil de Mato Grosso do Sul entre janeiro e agosto de 2008 já supera os números do mesmo período de 2007. No ano passado foram cumpridos 2.617 mandados de prisão enquanto em 2008 já são 3.947. Um crescimento de 50,82%. Além do aumento na quantidade de mandados de prisão cumpridos, a Polícia Civil também intensificou os autos de prisão

em flagrante (passando de 4.040 para 4.568, o que representa variação de 13,07%) e os mandados de busca e apreensão (que subiram de 351 para 420 - aumento de 19,66%).

Marla Chaparro, de 38 anos, diz ter vivenciado uma situação que define a atual situação da segurança pública em Campo Grande: “Presenciamos um atropelamento de um motociclista na frente da minha casa (no Jardim Los Angeles). O atropelador estava bêbado e a vizinhança o segurou ali. Chamamos a polícia três vezes e, simplesmente, ninguém apareceu. Acabamos deixando o motorista ir embora”.

Férias estavam garantidas antes da crise na economia

Daniel Henrique

A turista faz as contas, compara os preços e calcula o que compensa mais: viajar para o exterior ou pelo Brasil. “É preciso fazer as contas pra saber quanto dinheiro a gente tem e quanto se pode gastar”, afirma Lucimar Sanches Motta que é administradora. Mesmo com a crise financeira mundial a procura por pacotes de viagens não sofreu impactos negativos.

Nas agências de viagens a procura por pacotes já começou há algum tempo. Segundo a Associação Brasileira de Agências de Viagens em Mato Grosso do Sul (ABAV/MS), cerca de oitenta pessoas procuram diariamente informações sobre opções de viagens. Com o dólar em alta as agências apostam em pacotes nacionais como roteiros para este final de ano. Muitas empresas até fretaram navios que vão navegar pela costa brasileira, o que às vezes sai mais barato para o turista. Para Ricardo de Oliveira, proprietário de uma agência, o turista precisa avaliar bem cada pacote. “Existem muitos roteiros brasileiros, como Noronha, Fortaleza e até Bonito, que saem bem

mais caros que pacotes internacionais, por isso é preciso pesquisar”, diz Ricardo.

A pecuarista Maria Barbosa escolheu um roteiro internacional. Essa será a terceira viagem dela ao exterior nesse ano. Depois de Cuba e México agora vão ser dezessete dias na Rússia. “Eu escolhi de novo ir pra fora por causa dos preços. Se você coloca tudo na ponta do lápis fica mais em conta”.

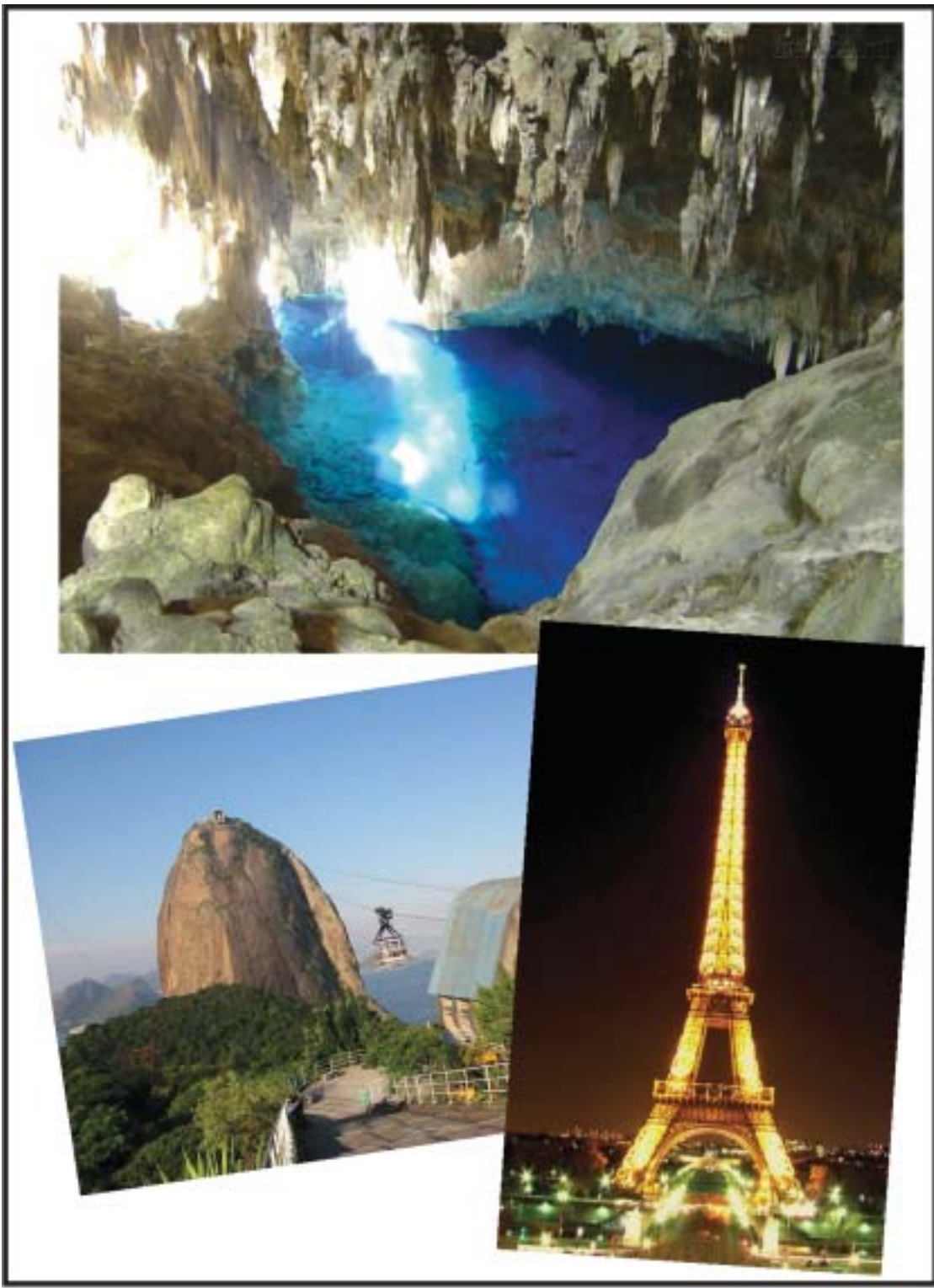
A procura por cursos de idiomas no exterior também vem crescendo em Mato Grosso do Sul. As agências de viagens afirmam que a venda de pacotes de turismo educacional cresceu setenta por cento desde o início do ano. O setor está otimista. “É bom o turista brasileiro que vai fazer uma viagem de estudo, como um intercâmbio, avaliar todas as propostas”, analisa Luiz Carlos Ferreira, proprietário de agência.

Mas os turistas do Estado também têm escolhido o litoral como destino das viagens. A procura pelos paraísos tropicais, principalmente no nordeste do Brasil, tem sido tanta, que os pacotes já foram todos vendidos. “O crescimento das vendas de pacotes para o litoral já registra um aumento de trinta

e cinco por cento”, completa Ferreira.

Na maioria das agências de turismo os pacotes para o réveillon 2008 começaram a ser vendidos em outubro. No início de novembro setenta por cento já estavam reservados. E a maioria dos turistas optou pelo comodismo de uma viagem planejada e coordenada pelas agências de turismo. Compraram pacotes. “Os pacotes ficam mais baratos, porque já está tudo incluído”, diz Ana Laura Corrêa, que vai passar a festa da virada no Rio de Janeiro.

E quem decidiu ir para praia na última hora vai ter que mudar os planos: segundo as agências, na maioria das capitais do nordeste não há mais vagas em hotéis e nem lugares em vôos para o fim de ano. E os agentes de viagens alertam. “Quem for viajar no carnaval já precisa se programar, porque pode não conseguir uma viagem tranquila”, finaliza Ferreira.



Precavidos - Muitos turistas haviam pago os pacotes para fim de ano antes das oscilações econômicas

Apesar da redução de acidentes pós- lei ter caído, existe expectativa de menos violência no trânsito durante festas

Natal mais feliz com Lei Seca

Luciana Brazil

As festas de final de ano, Natal e Réveillon são sempre um período de grandes comemorações e devem ser festejadas pela primeira vez com a nova Lei Seca em vigor. O número de acidentes de trânsito neste período de festas se mantém o mesmo, comparado com o decorrer do ano. Mas as ocorrências no dia 25 de dezembro são mais violentas, e para os especialistas um dos vilões é a bebida alcoólica.

O médico coordenador geral do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), Eduardo Cury, diz que no primeiro mês de vigor da Lei Seca houve em média uma redução de 29 a 31% dos acidentes em vias públicas em Campo Grande. “O domingo, que é um dia bem violento, de acordo com os registros, teve uma grande redução no número de acidentes, que chegou a uma diminuição de 50%”, afirma Cury.

Porém, a má notícia é que, segundo o médico Eduardo Cury, depois da quarta semana de vigor da lei, os índices de acidentes no trânsito voltaram a ser iguais aos níveis anteriores. “Aqui em Campo Grande, para nós do Samu, não existe mais a Lei Seca, pois os números de acidentes de trânsito continuam os mesmos, nada mudou,” conta o Dr. Cury.

Ele explica ainda que o comportamento das pessoas nos bares e nos restaurantes era de preocupação, logo quando a lei entrou em vigor, porém este período foi curto. “As pessoas voltaram a ser inconseqüentes e irresponsáveis,” lembra ele.

Cury diz que os principais períodos de acidentes na Capital de acordo com os registros do Samu é o dia das

mães. “O campeão é o dia das mães, seguido do dia 25 de dezembro. Os dias de pagamentos de funcionários públicos municipais e estaduais e os feriados prolongados, também são dias de grande número de ocorrências,” conta Eduardo. Para ele falta fiscalização. “Deveria haver punição, multa e prisão,” afirma.

Para o Samu existe expectativa em relação ao Natal deste ano que será em uma quinta-feira e a preocupação é que as pessoas emendem o feriado e isso traga mais ocorrências, segundo o coordenador Cury.

Mas nem todos os dados em relação à vigência da Lei Seca são negativos. Segundo o subcomandante da Companhia Independente de Policiamento de Trânsito, (Ciptran), capitão Edgar Almada, houve um decréscimo no número de acidentes na Capital após a vigência da lei. Para ele a Lei Seca tem reduzido os índices de desastres. “De acordo com o site do Detran houve uma redução de 12% nas ocorrências de trânsito nos meses de janeiro a outubro deste ano, com relação ao ano passado,” conta o subcomandante.

A Ciptran registra em média um número de 80 acidentes por semana, alguns com vítimas fatais. No período das festas de final de ano este número não tem um aumento significativo, segundo Almada. “Os números não aumentam, mas o que acontece é que os acidentes são mais violentos, com maior gravidade,” diz o capitão.

Segundo o subcomandante, pesquisas mostram que 65% dos acidentes envolvem pessoas embriagadas, por isso ele resalta a importância da lei.

De acordo com estatísticas publicadas no site do Detran e informadas pelo Centro Integrado de Operações de Segurança, CIOPS, o capitão afirma que é notável a redução nos desastres de trânsito. “No ano de 2007, no período de Janeiro a Outubro aconteceram 1991 acidentes, no ano de 2008 houve 1740 acidentes uma redução considerável,” conta.

Para o capitão Edgar mesmo que o número de acidentes continuasse o mesmo, já teria ocorrido a diminuição, pois há o crescimento da cidade. “Temos que levar em conta o crescimento geográfico, que são as vias de tráfego, e também o crescimento demográfico, que são as pessoas que vivem na cidade. A



Estatística - Segundo Ciptran no Natal não aumenta o número de acidentes, mas o álcool contribui para que eles sejam mais violentos

quantidade de carros na Capital não é a mesma do ano passado. Os registros de CNH aumentaram,” diz o capitão.

Segundo ele, é importante analisar os dados cedidos pelo Samu para especificar os tipos de ocorrência, pois de acordo com a Ciptran, de fato os números de acidentes diminuíram.

Ações no fim do ano serão desenvolvidas na cidade, como campanhas de conscientização, panfletagem e folgas suprimidas

para os policiais, que serão compensadas posteriormente, desta forma aumentará o efetivo de homens para a fiscalização de final de ano, segundo informações do subcomandante Almada.

Rodovias

O chefe do Núcleo de Comunicação Social da Polícia Rodoviária Federal, Ademilson de Souza, afirma que a operação “Férias”, de fiscali-

zação nas estradas tem início na segunda quinzena de dezembro e vai até o carnaval. “Historicamente o Natal, Ano Novo e Carnaval são os períodos onde existem os maiores números de acidentes de trânsito por causa das grandes dosagens de bebidas alcoólicas”, afirma Souza. Ele conta também que o período de maior rigor na fiscalização é este.

O fim do mês de janeiro

também tem se tornado uma época de grande registro de acidentes nas estradas, conta o inspetor Ademilson. “Não temos como saber antecipadamente se a Lei Seca trará uma diminuição no número de acidentes. Existe um crescimento na frota de veículos que circulam nas cidades e estradas do Brasil, e quanto maior o número de veículos a situação estará mais propícia a ter acidentes,” lembra ele.

Camisinha feminina debuta mas é rejeitada pelos consumidores de CG

Magna Melo

Neste ano o preservativo feminino completou quinze anos e está disponível para o mundo todo, mas no Brasil o uso é bem raro e o produto difícil de encontrar nas farmácias. Ainda existe uma resistência muito grande para o uso do preservativo, talvez por falta de informação, ou por preconceito. Mesmo com tanta modernidade acredita-se que é uma questão cultural, as mulheres têm vergonha de usar o preservativo.



Foto: Kleber Gutierrez

Esquecida - Preservativo feminino nem chega a ser exposto para venda pois tem pouca saída

A agente de saúde Marinalva Ribeiro diz que esse assunto é pouco falado, mas por experiência própria diz que, “achou muito

desconfortável, cheguei a colocar, mas não deu certo, o que mais incomodou é que fica um anel para fora do corpo.”

A profissional do sexo J.O, utilizou o preservativo feminino, mas achou pouco prático. “Já usei mas achei horrível, foi uma experiência

única, não quis mais saber, e os clientes também não gostam, preferem a masculina.”

Percorrendo várias farmácias de Campo grande foi bem difícil encontrar o preservativo feminino. Só na oitava farmácia o produto foi encontrado com apenas duas unidades no estoque.

Todos os atendentes disseram que é um produto que não tem saída e nem procura, até tentaram vender colocando o produto à disposição, mas a data de validade acabou vencendo e tendo que ser jogado fora.

“Não temos procura nenhuma do preservativo feminino, se não há procura não tem por que ter no estoque, é um produto difícil até para achar distribuidor”, relata a farmacêutica técnica Erica Marisa Rodrigues.

A farmácia que disponibiliza o produto é a do Levi, com duas caixas contendo dois preservativos cada, com o valor de R\$16,78, sendo que a masculina o preço é de R\$2,00 o que pode ser um dos motivos para a baixa procura da camisinha feminina. “A masculina é vendida todo

dia, as mulheres também compram o produto, temos em várias cores e sabores, já a feminina temos só para ter disponível, por que é muito raro vender, a que temos foram fabricadas em dois mil e sete, e até agora não foram vendidas, chegando a dois anos esperando venda”, explica o responsável pela farmácia Reinaldo Romano. Para ele, a reclamação é sempre a mesma, as mulheres reclamam do desconforto, não é só uma questão cultural, pelo fato de que são bem vendidas os preservativos masculinos para mulheres também.

Na rede pública de saúde também é difícil a distribuição, foi encontrado no Hospital Dia e no Centro de Especialidades Médicas (CEM). A reportagem do Em Foco procurou os responsáveis pelos locais para falar sobre o assunto, mas os funcionários estão proibidos de dar entrevistas. O funcionário só revelou que é bem difícil locais de distribuição.